

Curitiba. Depois, rebelou-se e não fugiu mais. Entretanto, logo aos primeiros frios se recolhia a casa ou, melhor, às cobertas, e só reaparecia em setembro, com as flores do Ipê.

Dotado de um alto grau de bom humor que nem mesmo a doença cruel conseguia afastar, era sempre em tom de pilhéria que, por telefone, nos comunicava seu encerramento hibernal: “Já fui para “Paranaguá”... Portanto, apareçam!” Ao terminar o frio, e com êle a reclusão, tornava a participar: “Já voltei de “Paranaguá”... Obrigado pelas visitas!”

Quantas e quantas tardes dêsses invernos que nunca esqueço, passei em sua casa, na companhia de suas filhas, noras, netas, sobrinhas...

Se havia visitas para o Senhor no escritório, ficávamos então reunidas na sala, à espera do “pode”...

Deitado de sobretudo no divã, e coberto de endredão até o nariz, e na cabeça um engraçadíssimo barrete de meia que, no seu próprio dizer, lhe dava o ar de um “ó de penacho”, escutava o Senhor divertido nossas conversas, das quais dizia gostar pelo fato de “aprender” muito com elas... Mas se admi-

rava de que, falando tôdas ao mesmo tempo, conseguíssemos entender-nos...

Um dia, o assunto recaiu sôbre peles, e muito se comentou a beleza — e o custo também! — de uma coberta de vicunha, recém-trazida do Chile.

Na tarde seguinte, encontrei-o à janela com um cobertorzinho, dêsses que nos matos apelidaram de “tomara que amanheça”... às costas, e um sorriso matreiro nos lábios.

— Lagarteando um pouco? — perguntei-lhe.

Alisando então o cobertor ralo, sem desfazer o sorriso o Senhor respondeu:

É que a “vicunha” estava precisando de sol...

Foi, também, numa daquelas tardes inolvidáveis, que o Senhor escreveu, para minha outra filha, esta admirável poesia.

**“Sorrindo à Vida
Para Jandirinha**

Na viagem da vida
Andei pelo mundo
Sofrendo e sorrindo!

Em sonhos fui tudo,
Fui rei e pastor!
Vi terras e terras,
Vi povos e povos,
Vi tudo na vida!

Fui rico de dores,
Fui pobre e feliz!

Construi um castelo
Rodeado de rosas,
Coberto de estrêlas!

Morei ao relento,
Debaixo das sombras
Das nuvens do céu!

Romario."

Certa vez, anunciando uma grande novidade, mandou-me chamar às pressas.

Mal chegada, ouço muito em segrêdo:

— Sabe, comadre, hoje fui pedido em casamento por fulana de tal...

— Ótimo! Meus parabéns!...

— Parabéns nada ! Não aceitei...

De outra feita levei-lhe de presente um queijo que, nem bem desembrolhado, me foi devolvido com censura:

— Mas haverá ainda alguém no mundo que não saiba que desde a **Questão de Limites** deixei de comer queijo de Santa Catarina?...

Eu não sabia. E se depois dêsse incidente lhe ofereci ainda algum queijo barriga verde, tive sempre o cuidado de antes tirar o rótulo...

Numa sexta-feira encontrei-o muito compenetrado tirando a sorte com “nhá” Maria Sabiá. Depois, tecendo largos elogios ao mérito da Velha, insistiu para que eu também tirasse a minha.

— Mas eu não acredito nessas coisas...
— expliquei-lhe baixinho.

— Experimente e verá!

Obedeci e, mesmo não acreditando, estremei quando “nhá” Maria Sabiá, após haver espalhado as cartas na mesa, com voz dura e sacudindo um dedo ameaçador, alertou-me contra uma loira que pretendia roubar-me o marido... Depois, para muito breve, me garantiu também uma viagem por mar, e mais coisas de somenos importância.

A noite telefonei-lhe apreensiva:

— Não há de ver que embarcaremos amanhã para o Rio, e por mar?!...

— Não lhe disse que a Velha é formidável?!... Não lhe disse?!...

— Mas... e a loira, “seu” Romario!

— Hã... a loira! — Aí, então, sua notável presença de espírito explodiu: — Bem, com ela não precisa se preocupar, porque, em cada sorte, “nhá” Maria só acerta uma...

Agora, se o encontrasse à mesa de trabalho, não sendo percebida recuava pé-ante-pé. Nessas horas importantes não via no Senhor o parente alegre, brincalhão, mas o historiador ilustre cuja erudição às vezes me assustava... Assustava é modo de dizer, porque suas palestras, embora extravassadas de sabedoria, eram simples, naturais — fiel retrato da sua Pessoa.

Havia em si o hábito de, enquanto tomava o desjejum, preparar bolinhas de miolo de pão para depois oferecê-las aos alegres moradores do Pinheiro plantado pelo Senhor

mesmo, na pracinha junto à sua casa, cujo terreno fôra um régio presente seu a Curitiba.

E, pelo visto, acabou transmitindo a tóda a família êsse delicado costume de alimentar passarinhos em liberdade.

Suas amizades, "seu" Romario, eram comparáveis a uma grande "salada mista". Nelas havia desde o preclaro dos salões até o mendigo das ruas. Mas era evidente ser êste o favorito de seu coração magnânimo.

Lembro-me de um grupinho dêles aparecendo, aos sábados, em sua casa, a fim de receber, não a esmola humilhante, mas a parte "de direito"...

Antes, porém, se postavam à porta da cozinha (restaurante grátis de prato feito), onde às vêzes, por questões de ciúmes, se desentendiam e se xingavam. Entretanto, em respeito ao bem-feitor, coíbiam-se na linguagem, nunca ultrapassando as regras da decência...

É de novo setembro, "seu" Romario. De novo os Ipês florescem, de novo nosso cora-

ção se confrange à lembrança do comunicado: “Já voltei de Paranaguá”. Já voltei de Paranaguá”, era a sua frase de felicidade, equivalente a voltei ao Sol, ao Mundo, à Vida.

É de novo setembro! O inverno, como sempre, se vai, os Ipês, como sempre, florescem, mas o restante está mudado. Quem era criança, ficou môço; quem era môço, ficou velho. As casas também mudaram. A maioria desapareceu, e nos seus lugares outros edifícios se ergueram, alguns tão altos que é de se supor que nas noites serenas os habitantes de seus últimos andares até percebam a voz dos anjos...

A sua ainda está lá, mas já virada em pensão, e à janela, que fôra a de seu escritório, não raro apparece o anúncio prosaico: “Aluga-se êste quarto”.

Isso me faz pensar na pouca duração de tudo, no frio daquelas pobres quatro paredes ao se verem despidas dos volumes raros com que um homem, também raro, com tanto amor e desvêlo agasalhou-as durante tôda a sua Vida!

É de novo setembro, “seu” Romario. Mas as crianças que hoje brincam na Pracinha, não mais sabem que a devem ao Grande pa-

ranaense que amou a sua terra e a sua gente como poucos as têm amado. Contudo, resta-nos ainda a esperança de que os passarinhos do Pinheiro o saibam. Quem poderá negar, ao contrário das mães humanas, que as mamãs passarinhas, de geração a geração, não venham transmitindo aos seus filhotes a história daquele homem bom, que trazia alimento para os avós dêles, e plantou-lhes ainda o Pinheiro acolhedor cujos braços, num suave embalar, jamais se cansam de ampará-los? E quem poderá também negar, nas suas doces alvoradas não haja um hino em louvor àquele mesmo homem que, pensando bem, até meio que tinha cara de passarinho? Sim. Os passarinhos sabem. Acredito.

Quando desapareceu sua Espôsa, a filha mais velha voltou para junto do Senhor. E foi ela, mais o marido e os filhos que, através de anos e anos, com desvêlo exemplar o acompanharam até o fim. Isso, sem falar na dedicação dos demais filhos e genro e noras e parentes e amigos, dos quais viveu sempre rodeado. Ainda assim o Mundo, se lhe trouxe alegrias, trouxe-lhe em dôbro tristezas, golpes profundos, sempre, porém, suportados com

a resignação dos bons, dizendo, até: “podia ter sido pior”!

Todavia o sofrimento minou-lhe o coração.

E justo numa tarde de setembro, ao invés de a costumada comunicação, ouviu-se de outrem o grito angustioso — Um colápsio!

O Senhor ainda abriu os olhos e me disse:

— Parece que estou melhorando...

— Graças a Deus!!!

— Mas até a senhora, comadre, está-me desejando aquilo que não quero? Então não vê que **preciso** descansar?...

E sòmente horas depois, contemplando-o com desconsòlo já na triste semi-claridade dos círios, foi que pude justificar-lhe o meu egoísmo:

— Mas é que ninguém quer perder um amigo, embora pouco amigo seja; e o senhor, querido Guairacá, em nossa taba foi o maior de todos os amigos!

Of. Graf. da Papelaria Requião Ltda.